

## Escritor x público: um convite à reflexão

Ana Maria dos Santos Pedroso (graduanda)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosana Apolonia Harmuch

**Resumo:** Este trabalho elege duas obras do escritor português Eça de Queirós, os romances *Os Maias* (1888) e *A ilustre casa de Ramires* (1900) para refletir sobre a importância concedida a relação entre escritor e público da época, bem como analisar o contexto que estabelece esta relação. O artigo tem como base os trabalhos de Carlos Reis (1999) e Jorge Fazenda Lourenço (1998), que estudam o aparecimento de certa imagem da literatura na ficção de Queirós pela presença de personagens que buscam representá-la e qual seria o interesse dos escritores romancistas de Oitocentos pela representação do poeta e pelas discussões literárias que essas representações podem provocar.

**Palavras-chave:** Escritor. Leitor. Literatura. Reflexão

Quem se põe a ler um livro ou a simplesmente folheá-lo não imagina as inúmeras transformações pelas quais esse instrumento que transporta idéias e ideais teve que passar para adquirir o formato que possui hoje. Do papiro ao papel, foram séculos. O papiro, do latim *papyrus* deu origem ao que chamamos papel, de tecnologia egípcia de 2200 a. c., feito com as fibras unidas de uma planta que crescia às margens do rio Nilo, cuja superfície possibilitava a escrita. Seus rolos chegavam a 20 metros de comprimento (CALDEIRA, 2002, p. 3). O segundo processo de evolução foi o pergaminho, geralmente confeccionado com pele de carneiro, ocasionando a morte de muitos animais, já que esse material fazia com que os manuscritos ficassem enormes.

Esse papel que conhecemos hoje passou a existir lá no início do século dois (CALDEIRA, 2002, p. 4), por meio da China, mais especificamente, através de um oficial da corte chinesa. O material utilizado para a feitura do papel era *o córtex de plantas, tecidos velhos e fragmentos de rede de pesca* (CALDEIRA, 2002, p. 4). Mas no ocidente essa técnica demorou a chegar.

Com o avanço das tecnologias ligadas à impressão e mais precisamente com o advento da tipografia inventada por Johann Gutenberg surgem os primeiros passos para a comercialização. Já no século XIX (CALDEIRA, 2002, p. 6), com as inovações tecnológicas, é notável a grande oferta de papel para a impressão tanto de livros como de jornais.

O papel passa a ser feito de uma pasta de madeira, em 1845. Aliado à produção industrial de pasta mecânica e química de madeira – celulose – que antes era artigo de luxo, torna-se mais barato. Para aquela época isso significou uma grande revolução, já que permitia

que o acesso aos livros não se reservasse apenas a uma pequena parcela da sociedade, mas que chegasse às mãos de um público maior. Os livros viraram empreendimento comercial e cultural, passando a ser objetos de comercialização.

A partir de então, houve uma preocupação com os leitores de forma muito significativa já que esses eram vistos como clientes disputadíssimos. As relações entre leitor e escritor se estreitaram, podendo-se identificar o escritor como um vendedor, que com os argumentos que possuía, conquistava seus leitores. Passando a ser, portanto, alvo de críticas e, visto como aquele que deve fornecer aos seus leitores muitas explicações. Um exemplo muito forte dessa proximidade é o fato de leitores tomarem conhecimento das obras muito antes delas serem lançadas, ou seja, havia a necessidade de divulgação dos trabalhos.

As relações entre escritor e público não param por aí, o leitor em formação, composto pelo público em geral e até mesmo por escritores se vê em condição de questionar a autoridade prestada aos princípios clássicos. Começou a ter, uma grande força de julgamento, é por isso que muitas explicações costumam ser destinadas a ele. Com o questionamento do leitor surgiu a necessidade de consciência crítica por parte do artista. A preocupação do escritor é tamanha que chega a tornar-se intérprete deste; sendo capaz de produzir formulações teóricas, expondo mais a própria criatividade e não mais obedecendo a preceitos clássicos.

O que pretendo fazer neste trabalho é verificar como esta relação entre escritor e público se dá de maneira alegórica em dois romances do escritor português Eça de Queirós, sendo eles *Os Maias* e *A ilustre casa de Ramires*. Essa relação entre escritor e público é tão importante que chega a virar ficção em muitas obras de Eça. Mas essa representação passa longe de ser um elogio, é estereotipada e ridicularizada. Nos romances em questão isso se dá de maneira tão intensa que merece destaque. Queirós mostra sua obsessão com a representação do escritor como personagem ao, por exemplo, trazer para o primeiro romance, figuras como João da Ega (escritor de obras inacabadas), Craft (de sentimento byroniano), Carlos da Maia (escritor de poemas desordenados) e Tomás de Alencar (poeta). Este último tem uma apresentação no mínimo perturbadora, nas palavras do narrador trata-se de “... *um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa pose de tédio...*” características físicas que compõem o estereótipo de um poeta. Afirmação que é comprovada pelo título que o personagem recebe logo adiante de “*poeta das Vozes d’Aurora*” (QUEIRÓS, 2008, p. 27).

Segundo Carlos Reis (1999), esses escritores ficcionais de Eça não são exatamente escritores, no sentido mais incontestável do termo, já que muitos deles não têm a escrita como profissão. São estereótipos, caricaturas:

(...) a literatura surge na ficção queirosiana em função de estereótipos que só fazem sentido em actos sociais que essa literatura institucionalizada (os seus autores, suas imagens de marca, o seu prestígio, os seus livros) vem ilustrar – e também desmistificar ou caricaturar. (p. 21).

Como João da Ega, personagem de *Os Maias*, que representa um escritor de obras inacabadas, que vê na publicação de seu livro *Memórias dum átomo* seu maior triunfo sobre a cidade. Recorrendo à literatura também para se destacar aos olhos de uma mulher:

Ega, com efeito, sentia-se ‘enterrado’. E nessa noite declarou a Carlos que decidira recolher-se à quinta da mãe, passar lá um ano a acabar as *Memórias dum átomo*, e reaparecer em Lisboa com o seu livro publicado, triunfando sobre a cidade, esmagando os medíocres. (QUEIRÓS, 2008, p. 239)

Também encontramos o personagem Gonçalo de *A ilustre casa de Ramires* que se propõe a escrever uma “sublime novelinha” pensando no status social que esta iria proporcionar-lhe perante seus eleitores. Sabendo que a “*literatura leva a tudo em Portugal*” (Queirós, 2002, p. 19), Gonçalo, a convite de um de seus amigos, se propõe a contar sob a forma de novela um grandioso passado de sua família.

Reis ainda afirma que essa capacidade de Queirós construir a figura de um escritor marcou um enorme avanço na literatura de seu tempo, já que fugia do preto no branco, do reforço dos preceitos clássicos, trazendo para a literatura funções que antecipam ou ultrapassam as discussões literárias propriamente ditas.

É possível verificar a preocupação que o narrador de *A ilustre casa de Ramires* tem ao discutir literatura pela forma com que este tenta envolver seu público durante a alegoria da construção da obra. Entenda-se por alegoria “... *aquilo que representa uma coisa para dar a idéia de outra através de uma ilação moral.*” (CEIA, 1998, p. 19). Apesar da riqueza de detalhes com que o narrador acompanha a feitura da novela *A torre de D. Ramires* para tentar dar a ela uma grande importância que a meu ver ela não tem, consegue prender a atenção do leitor. Ficamos sabendo como ela foi pensada, como surgiu a idéia, quais foram as influências que ela recebeu “*Assim Gonçalo adornara a soturna sala afonsina com alfaias tiradas do tio Duarte, de Walter Scott, de narrativas do Panorama.*” (Queirós, 2002, p. 51), para que público ela é escrita, como foram delimitados os números de página “*E você não precisa fazer grosso romance... Nem um romance muito desenvolvido está na índole militante da revista. Basta um conto,*

de vinte ou trinta páginas” (QUEIRÓS, 2002, p. 19), o sofrimento, o abatimento que sobrecarregou Gonçalo durante todo o processo de leitura

E momentos depois, na livraria, com um roupão de flanela sobre a camisa de dormir, sorvendo lentos goles de chá, Gonçalo relia junto da varanda essa derradeira linha da novela, tão rabiscada e mole, em que ‘os largos raios da lua se estiravam pela larga sala de armas...’. De repente, numa rasgada impressão de claridade, entreviu detalhes expressivos para aquela noite de Castelo e de verão – as pontas dos esculcas faiscando silenciosamente pelos adarves da muralha, o coaxar triste das rãs nas bordas lodosas dos fossos...

- Bons traços! (QUEIRÓS, 2002, p. 47)

Ficamos sabendo também de onde vem a inspiração “... a Torre, a antiqüíssima Torre” (QUEIRÓS, 2002, p. 11), o poema base, “... um poemeto em verso solto, o Castelo de Santa Irinéia(...) Esse castelo era o seu, o Paço antiqüíssimo, de que restava a negra torre entre os limoeiros da horta.” (QUEIRÓS, 2002, p. 20), e até mesmo os comentários do narrador sobre o que se passava pela cabeça de Gonçalo a contemplar sua obra finalizada

Mas agora, abandonada a banca onde tanto labutara, não sentia o contentamento esperado. Até esse suplício do Bastardo lhe deixara uma aversão por aquele remoto mundo afonsino, tão bestial, tão desumano! Se ao menos o consolasse a certeza de que reconstituíra, com luminosa verdade, o ser moral desses avós bravios... Mas quê! bem receava que sob desconcertadas armaduras, de pouca exatidão arqueológica, apenas se esfumassem incertas almas de nenhuma realidade histórica. (QUEIRÓS, 2002, p. 257)

A relação entre Gonçalo e seu público aparece várias vezes, quando o personagem começa a comentar com os demais personagens sobre o seu trabalho:

Pois eu também tenho trabalhado muito Gracinha! Ando a escrever um romance.

- Ah!

\_ Um romance pequeno, uma novela, para os *Anais de Literatura e de História*, uma revista que fundou um rapaz meu amigo, o Castanheiro... É sobre um fato histórico da nossa gente... É sobre um avô nosso, muito antigo, Trutesindo. (...) Enfim, uma bela reconstrução do velho Portugal e sobretudo dos velhos Ramires. Hás de gostar... Não há amores, tudo guerras. (QUEIRÓS, 2002, p. 75-76)

Apesar de parecer um simples diálogo entre irmãos, esse episódio busca retratar um dos chamarizes da época pelo qual o leitor tinha um contato com a obra muito antes de ela ser lançada. Informações como do que trataria a obra e onde ela seria publicada eram muito valiosas.

Este tipo de contato gerava ao escritor certo problema se a obra demorava a sair, pois o leitor se achava no direito de indagar a respeito. Tal problema é representado no romance *A ilustre casa de Ramires*, quando o personagem Castanheiro, amigo de Gonçalo, vê-se no direito de indagar: “*E então esse Gonçalo Mendes Ramires não me manda o romance?*” (QUEIRÓS, 2002, p. 147). O público parece ser levado a sério pelo narrador de *A ilustre casa de Ramires*, ele nos dá a idéia de que tanto ele como Ramires souberam pôr na novela *A torre de D. Ramires* questões que costumavam agradar os leitores:

A multidão ama, nas novelas, os grandes furores, o sangue pingando; e em breve os *Anais* espalhariam por todo o Portugal, a fama daquela Casa ilustre, que armara mesnadas, arrasara castelos, saqueara comarcas por orgulho de pendão, e afrontara arrogantemente os reis na cúria e nos campos de lide. (QUEIRÓS, 2002, p. 257)

A discussão de literatura feita em ambas as obras, seja em *Os Maias*, seja em *A ilustre casa de Ramires* caricaturam o modo como a apreciação crítica era feita na época. Quando quem exercia o papel de crítico era o jornalista, que com pequenos comentários dava o seu parecer sobre as obras. Em um episódio de *Os Maias* encontramos o personagem João da Ega muito aborrecido com o jornalista que escreveu sobre a sua obra. “- Estas bestas! Estas bestas destes jornalistas! Leste? *Lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colônia hebraica!* Faz cair a coisa em ridículo... *E depois a influência de estilo. Que burros! Que idiotas!*” (QUEIRÓS, 2008, p. 116). Essa repulsa pelo modo como eram as discussões literárias se deram no romance com desejo que aparece repetidas vezes nas palavras de João da Ega de que haja pelo menos “*a criação de uma revista, que dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa*”. (QUEIRÓS, 2008, p. 112).

A apreciação crítica também perturbava os pensamentos de Ramires mesmo que esta fosse feita pelos jornais. Ao terminar o capítulo dois de sua novela o personagem já se vê pensando nos possíveis artigos que seu amigo Castanheiro lhe prometera em dois jornais *Novidades* e *Manhã*. E ao sair a publicação da *Torre de D. Ramires* nos *Anais* percebemos que a reação de Gonçalo foi contrária à de Ega, já que pode-se dizer que alcançou seus objetivos políticos, agradou até a oposição. (QUEIRÓS, 2008, p. 271)

Um pouco diferente desses dois primeiros escritores Gonçalo Mendes Ramires e João da Ega, temos Tomás Alencar que em *Os Maias* tem não só novelas e dramas como bibliografia, como também se dispõe a declamar seus poemas sempre que tem oportunidade e que tem versos publicados até mesmo no *Diário Nacional* (QUEIRÓS, 2008, p. 152), dentre

seus escritos estão *Flores e Martírio* e *6 de Agosto* (QUEIRÓS, 2008, p. 200). Alencar é a caricatura de um romantismo pedante e piegas expresso, em versos como “*Abril chegou! Sê minha! Dizia o vento à rosa*” (QUEIRÓS, 2008, p. 152) Digo caricatura por concordar com Lourenço (1998) quando diz que:

(...) nem todas as personagens dadas como poetas o são de facto, pois ser-se poeta, em muitas das obras acima citadas, é com frequência, e significativamente sinónimo apenas de sensibilidade excepcional ou invulgar, de quem atravessa estados transitórios de exaltação emocional ou sentimental. (p.3)

Características essas muito presentes em Tomás de Alencar. Ele é o personagem que ao falar de Maria “Por uma dourada tarde de outono...” (QUEIRÓS, 2008, p. 27) deixa transparecer seu romantismo piegas, incapaz de utilizar uma linguagem *cristã e prática* (Queirós, 2008, p. 27). A imagem que se tem desse personagem é negativa. Logo no seu primeiro aparecimento, ele troca uma informação por champagne, e ao virar a página temos a sentença do narrador que diz “Ele, Alencar, pertencera à devassa.” (QUEIRÓS, 2008p. 28).

Durante o romance ele passa por fases que vão desde o romantismo característica esta ligada em boa parte ao seu amor inocente por Maria, passa pelo mistério “*mistérios que jamais pôde Lisboa astuta devassar e só Deus sabe!*” (QUEIRÓS, 2008, p. 29) chega ao político vendo seu romantismo desacreditado nas letras, encontra abrigo no romantismo político e decide escrever um romance histórico (p. 349).

O contato que Alencar estabelece com o seu público se dá por meio de publicações em jornais como disse anteriormente. Ao contrário dos demais escritores, mencionados nesse trabalho, ele tenta de certa forma, levar a literatura a sério, tal afirmação pode ser confirmada pela constante busca do personagem por lembrar seus trabalhos já publicados. Para elucidar essa tentativa farei novamente uso do trecho que segue:

- Tu viste há tempos, no Diário Nacional, os versos que eu lhe fiz?  
«Abril chegou! Sê minha»  
Dizia o vento à rosa. (QUEIRÓS, 2008, p. 129)

Sendo assim, acredito que se a intenção de Eça de Queirós era de fazermos voltar nossos olhos para como eram as produções e as discussões literárias de sua época, ele conseguiu. Por meio dos romances utilizados para esse estudo somos envolvidos diretamente nas discussões a respeito do valor literário. Seja pelas palavras de João da Ega, por seu constante pedido para que o povo saiba ler literatura, e para que suas discussões sejam feitas por quem realmente trabalha, entende sobre literatura, seja na constante busca de Alencar por

devolver a literatura a qual dedicava a sua vida o status de respeito que ele acreditava que ela merecia. E até mesmo pelo apelo ao comprometimento com a produção literária que encontramos em *A ilustre casa de Ramires*.

As relações que tanto apreciamos na teoria escritor/obra/leitor deixam de ser bastidores e passam a compor ficção. E essa ficção como o próprio nome já diz, é incapaz de dar conta de tudo o que se constitui um escritor, sua obra e sua relação com leitor. Contudo, ela propõe algo melhor: o convite à reflexão.

Vale lembrar que a relação alegórica entre escritor e público encontra-se presente em diversos outros momentos tanto nas obras analisadas que não foram selecionados para este trabalho, quanto em outras obras de Eça de Queirós, tais como *A correspondência de Fradique Mendes* (1880), *A cidade e as Serras* (1901), *Alves e Cia* (1925) entre outras.

## REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Cinderala. Do papiro ao papel manufaturado. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>>. Acesso em 29 jul.2011

CAMPOS. A. Matos. **Sobre a recepção literária de Eça de Queiroz**. Disponível em: <[ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2863.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2863.pdf)> . Acesso em 02 fev. 2011.

CEIA, Carlos. **Sobre o conceito de alegoria**. Matraga, Lisboa, nº 10, out. 1998, p. 19-26. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca10/matraca10a02.pdf>> Acesso em 21set. 2011.

CUNHA, Maria do Rosário. **A inscrição do livro e da leitura na ficção de Eça de Queirós**. Coimbra: Almedina, 2004.

QUEIRÓS, Eça. **A ilustre casa de Ramires**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

QUERÓS, Eça. **Os Maias**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

REIS, Carlos. **Estudos queirosianos**: Ensaio sobre Eça de Queirós e sua obra. Lisboa: Presença, 1999.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. **Poetas de romance**: Alguns casos e o caso de Tomás de Alencar. Colóquio letras, Lisboa, nº 147/148, 1º sem. 1998, p. 67-80. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=147&p=67&o=p>> Acesso em 5 ago.2011.

FERRAZ, Maria de Lourdes. **Visibilidade e arte em Eça de Queiroz**. Scripta. Belo Horizonte, PUC Minas, v. 4, n. 8, 1º sem. 2001, p. 121-127. Disponível em: <[www.ich.pucminas.br/cespuc/revistas\\_scripta/scripta08/conteudo/no08\\_parte02\\_art01.pdf](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/revistas_scripta/scripta08/conteudo/no08_parte02_art01.pdf)>. Acesso em 10 jan. 2011.

NETO, José Emílio Major. **A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós**. São Paulo. Disponível em: <<http://fredb.sites.uol.com.br/ramires.html>>. Acesso em 23 jun. 2011.